

DOCÊNCIA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: AÇÕES DE ENFRENTAMENTO DE CASOS DE BULLYNG NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL “JOAQUIM VICENTE RONDON”

TEACHING AND ITS PEDAGOGICAL PRACTICES: ACTIONS TO FACE CASES OF BULLYNG AT THE MUNICIPAL SCHOOL OF FUNDAMENTAL EDUCATION “JOAQUIM VICENTE RONDON”

Maria Inês Leite de Lima¹
Agenor Francisco de Carvalho²

RESUMO: O presente estudo abordou a importância da docência, práticas pedagógicas e suas ações para o enfrentamento de casos de *bullying* na Escola Municipal Joaquim Vicente Rondón. Partiu-se do pressuposto de que o *bullying* é um fenômeno devastador, visto que há uma vasta literatura que o considera como conflito global crescente na sociedade, podendo afetar, inclusive, a autoestima e a saúde mental de crianças e adolescentes. Assim, tivemos como objetivo geral Identificar estratégias que ajudem a combater a prática do *bullying* entre discentes, na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Joaquim Vicente Rondon”. A partir daí os objetivos específicos foram de analisar a legislação nacional que contempla práticas contra a discriminação entre os discentes, bem como compreender quais motivos levam os discentes a praticar o *bullying*, assim como propor e descrever as estratégias que os docentes desenvolvem para reduzir a violência nas escolas. Tratou-se de uma pesquisa-ação com abordagem quali-quantitativa, com ênfase no estudo de caso. A metodologia teve como alvos, principalmente, os discentes. Docentes, orientadores educacionais e coordenadores pedagógicos também foram sujeitos da pesquisa. A coleta de dados ocorreu através de questionários com perguntas abertas e fechadas para discentes e docentes e através de revisão de literatura e pesquisa de campo. Foram utilizados artigos e livros sobre o *bullying*. Os resultados indicaram que os docentes utilizam algumas estratégias para combater o *bullying*, mas há a necessidade de implementação de um programa ou projeto que trabalhe com a finalidade de esclarecer esse fenômeno.

Palavras-Chave: Escola. Família. Bullying.

ABSTRACT: The present study addressed the importance of teaching, pedagogical practices and their actions to deal with bullying cases at the Joaquim Vicente Rondón Municipal School. It was assumed that bullying is a devastating phenomenon, since there is a vast literature that considers it as a growing global conflict in society, which may even affect the self-esteem and mental health of children and adolescents. Thus, our general objective was to identify strategies that help to combat the practice of bullying among students, at the Municipal School of Elementary Education “Joaquim Vicente Rondon”. From there, the specific objectives were to analyze the national legislation that includes practices against discrimination among students, as well as to understand the reasons that lead students to practice bullying, as well as to propose and describe the strategies that teachers develop to reduce violence. at Schools. It was an action research with a qualitative and quantitative approach, with emphasis on the case study. The methodology was mainly aimed at students. Teachers, educational advisors and pedagogical coordinators were also subjects of the research. Data collection took place through questionnaires with open and closed questions for students and teachers and through literature review and field research. Articles and books on bullying were used. The results indicated that teachers use some strategies to

¹ Mestranda em Educação da Universidad Central del Paraguay. mileitelima@hotmail.com

² Docente do Mestrado em Educação, da Universidad Central Del Paraguay, 2018. agenordecarvalho@hotmail.com

combat bullying, but there is a need to implement a program or project that works with the purpose of clarifying this phenomenon.

Keywords: School. Family. Bullying.

1. INTRODUÇÃO

Tornou-se comum assistirmos, quase que todos os dias, os meios de comunicação de vários Estados brasileiros noticiarem fatos sobre a violência na escola. E dois tipos de violência têm chamado mais a atenção da imprensa tanto falada quanto à escrita relacionada ao ambiente escolar: as direcionadas aos professores por estudantes e as direcionadas aos próprios alunos por seus colegas.

Esse tipo de violência, conhecido como fenômeno bullying, não é um acontecimento novo dentro das escolas, ele apenas tomou forma e ganhou nome específico a partir dos anos 90, quando o estudioso norueguês Olweus definiu como bullying os atos agressivos, antissociais e repetitivos que ocorrem entre estudantes no contexto escolar.

No entanto, para além das descrições já divulgadas sobre a violência que integra o universo escolar (física, simbólica, verbal, relacional, social, como o cyberbullying), importa ressaltar que informação não é conhecimento e conhecimento sobre o que gera essas violências, por si só, não significa operacionalização prática do saber existente, ou melhor, como e qual postura adotar para minimizar os efeitos dessas agressões e desvios de conduta por partes dos alunos.

Nesse sentido, e levando em consideração a indispensável revisão e visitação à leitura da literatura já existente sobre esse tipo de problema, optou-se pelo bom senso de que um problema dessa magnitude para ser solucionado total ou parcialmente, seja necessário, pois, inicialmente saber quais são as características dos sujeitos ativos do bullying ou daqueles que sofrem as perversidades sistemáticas. Para depois disso, proclamar as consequências do bullying em qualquer sujeito ou em qualquer agrupamento social e, concomitante, identificar fatores determinantes do comportamento aversivo, do comportamento tolerante, ou mesmo, daqueles reconhecidos como próprias vítimas.

Por isso, mais do que descrever teorias acerca das ciências Humanas, Sociais e da Educação, o presente artigo tem como escopo realizar uma investigação sobre a violência escolar, com ênfase em ações que geram o *bullying* e se as práticas pedagógicas dos docentes contemplam atitudes que inibam a prática do *bullying* na escola Municipal de Ensino Fundamental I e II “Joaquim Vicente Rondon” do Município de Porto Velho. A partir daí,

verificar se as ações dos professores e/ou diretores, orientadores e supervisores perante os discentes podem ou não ocasionar situações propícias à prática de *bullying*.

Ressaltamos, sobremaneira, que a pesquisa vislumbrou, não somente, que o papel do professor deva ir além da função de instruir e promover ascensão intelectual dos alunos, mas, também, mostrar que as ações dos professores para com os alunos, ou seja, a maneira de como lidam com eles também podem gerar ou inibir o *bullying* no cotidiano escolar. Os procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa foram estudos do referencial teórico, observações e aplicação de questionários aos discentes e profissionais do ensino fundamental, do 5º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Joaquim Vicente Rondon”, localizada na cidade de Porto Velho-RO.

Brincadeiras de mau gosto como chamar o colega de “baleia”, “feio”, “dentuço”, ou seja, brincadeiras que de alguma forma tendem a ofender seus receptores, estão presentes no cotidiano das salas de aula e a partir do momento em que seus receptores passam a sofrer as consequências oriundas dessas brincadeiras, seja elas no âmbito afetivo ou na aprendizagem, esta criança se torna mais uma vítima do *bullying*. O *bullying* é considerado toda forma de agressão, seja ela física ou verbal, sem um motivo aparente, causando em suas vítimas consequências que vão desde o âmbito emocional até consequências na aprendizagem (FANTE, 2005).

Para tanto, levantamos alguns questionamentos a fim de proceder para problemática do nosso trabalho: i) Quais os motivos que levam os discentes a praticar o *bullying* na escola? ii) Quais as estratégias que os docentes desenvolvem para reduzir a violência nas escolas? iii) Quais as consequências mais comuns, resultantes da prática do *bullying* no ambiente escolar?

A partir daí traçamos nossos objetivos a fim de alcançarmos os resultados que almejávamos para o estudo, a saber: Objetivo geral foi Identificar os fatores que levam à prática do *bullying* no ambiente escolar. Buscou-se, também, relacionar as formas dessa prática. Já nossos objetivos específicos versam sobre: a) analisar a legislação nacional que contempla práticas contra a discriminação entre os discentes; b) compreender quais motivos levam os discentes a praticar o *bullying* na escola; c) descrever as estratégias que os docentes desenvolvem para reduzir a violência nas escolas; d) propor estratégias que reduzam a prática do *bullying* na escola.

2. ALICERCE TEÓRICO

Embora o bullying seja mais visível no contexto das instituições escolares, ele não é só um problema da escola, mas de toda sociedade, visto ser um fenômeno que gera problemas a longo prazo, causando graves danos ao psiquismo e interferindo negativamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional dos envolvidos (Fante, 2008).

É importante salientar ainda que antes de fazer qualquer inferência sobre a sua origem, colocando a culpa no aluno, na escola, na família ou na sociedade, é necessário compreendê-lo como resultante de problemas que estão inseridos em todos esses ambientes e nas relações que ocorrem entre eles, tendo, portanto, uma visão holística do fenômeno (Fante, 2008).

Dentre as mais diversas formas de bullying, ressaltemos aqui um ponto importante na caracterização desse fenômeno: a repetição das agressões. E acrescenta-se o fato de o mesmo ser de difícil identificação por acontecer longe de adultos e por não haver denúncias por parte das vítimas devido ao medo de retaliação. “A violência, tanto para quem comete quanto para quem é submetida a ela, é, na maioria das vezes, uma questão de violência repetida, tênue e dificilmente perceptível” (Derbabieux, 2002, p. 29).

O que torna graves os atos de incivildade, intimidações, assédio ou qualquer outro termo que se queira relacionar ao bullying é exatamente a sua continuidade, que causa às vítimas sensações de abandono e insegurança e aos agressores o sentimento de impunidade e poder (Fante, 2008a).

Esses atos repetitivos e prejudiciais podem ocorrer de várias formas, por isso o bullying pode ser classificado como: direto e indireto.

O bullying é classificado como direto quando as vítimas são atacadas diretamente. São considerados bullying direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. Já o bullying indireto são ações que levam exclusivamente ao isolamento social. Este envolve atitudes de indiferença, isolamento, difamação, exclusão (Lopes Neto, 2005).

É importante frisarmos, já noutra perspectiva teórica, sobre a questão das preocupações éticas voltadas à análise dos diversos valores presentes na sociedade, à problematização dos conflitos existentes nas relações humanas quando ambas as partes não dão conta de responder questões complexas que envolvem a moral e a afirmação de princípios que organizam as condutas dos sujeitos sociais. Na escola, ética se encontra nas relações entre os agentes que constituem essa instituição, alunos, professores e pais, e também nos

currículos, uma vez que o conhecimento não é neutro nem impermeável a valores de todo tipo.

Assim temos, pois, os Parâmetros Curriculares Nacionais que preconizam a apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), e traz como proposta a construção dos princípios de respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade e pode ser utilizada de maneira positiva pelos professores no que diz respeito à prevenção do *bullying* na sala de aula, trazendo questões relevantes, que se o professor tomar como foco em seu cotidiano pedagógico, realizando um trabalho que possibilite o desenvolvimento da autonomia moral, o qual depende mais de experiências de vida favoráveis do que de discursos e repressão pode esperar resultados positivos.

No convívio escolar, o aluno pode aprender a resolver conflitos em situações de diálogo, pode aprender a ser solidário ao ajudar e ao ser ajudado, pode aprender a ser democrático quando tem oportunidade de dizer o que pensa e submeter suas ideias ao juízo dos demais e souber ouvir as ideias dos outros, estará contribuindo para que o ambiente escolar seja um ambiente favorável à aprendizagem das questões éticas envolvidas. O professor deverá priorizar os temas relacionados ao convívio escolar como: respeito mútuo, diálogo e solidariedade.

2.1. Bullying: definição e histórico

O bullying é uma palavra inglesa, uma forma de gerúndio, usada para definir um fenômeno, cujo autor é chamado de Bully, palavra esta que se traduz como “brigão e valentão”, utilizado para designar a prática desses atos agressivos, intencionais e repetidos, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro, causando dor e angústia, e executados dentro de uma relação desigual de poder. É uma palavra que é usada com o sentido de zoar, gozar, tiranizar, ameaçar, intimidar, humilhar, isolar, aterrorizar, assediar, roubar, perseguir, ignorar, ofender, bater, ferir, discriminar e colocar apelidos maldosos. O nome também pode ser utilizado para definir o mesmo tipo de comportamento quando ocorre com adultos dentro de empresas, mas a incidência do fato nas escolas é mais comum.

Segundo, Paias e Almeida (2008), o primeiro estudioso a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, na década 1970, professor da Universidade da Noruega. Ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes, Dan Olweus descobriu que a maioria foi

submetida às diversas formas de maus tratos, ou seja, foram vítimas de bullying e que esse era um mal a combater. Bullying se refere a uma forma de violência de caráter verbal, físico e psicológico praticado dentro das escolas.

É um termo inglês utilizado para designar a prática desses atos agressivos, intencionais e repetidos, que ocorrem sem motivação evidente dentro das escolas onde são adotadas por um ou mais estudantes que causam dor e angústia, executados dentro de uma relação desigual de poder. As principais características do bullying são a hostilidade, a crueldade, a difamação, a invenção de apelidos depreciativos e a exclusão.

O bullying, pela sua importância, desperta a atenção de pais, professores e profissionais da área não só da Educação, mas também da saúde como: psicólogos e psiquiatras. Uma pesquisa divulgada no início de 2009 pela organização não governamental Internacional Plan³, que atua em 70 países em defesa dos direitos da Infância, apontou 70% dos 12 mil estudantes entrevistados em seis estados brasileiro afirmaram ter sido vítima de violência escolar. Outros 84% desse total apontaram suas escolas como violentas.

Os estudos internacionais demonstram que os meninos são os maiores praticantes de bullying, utilizando-se mais de agressão direta, física e verbal, enquanto as meninas se utilizam de agressão indireta, por meio de ofensas morais e exclusão social, contudo, ainda em menor grau, as meninas também utilizam de maus-tratos físicos.

Denúncias sobre comportamentos opressores e violência psicológica têm sido frequentemente relacionadas ao ambiente escolar desde o massacre de Columbine⁴ - 1999, no Estado do Colorado, Estados Unidos. Na época, pouco se falava sobre – e muito menos se julgava prejudicial - o relacionamento agressivo entre grupos de jovens nas escolas. Passados quatorze anos desde a tragédia o panorama está mudando gradativamente. Hoje, estudos educacionais ultrapassaram os muros das Instituições de ensino e das reuniões pedagógicas e entraram na academia, não sendo apenas pedagogos a discutirem as influências desse tipo de

³ Plan International é uma organização não-governamental humanitária, sem filiação política ou religiosa, presente em 70 países. Fundada em 1937, em Londres, na Inglaterra, a Plan International é uma das maiores e mais antigas organizações pelo desenvolvimento das crianças do mundo. O trabalho da Plan International é baseado no compromisso de garantir que as crianças tenham acesso aos seus direitos. No Brasil, tem sede em São Paulo e atua com mais intensidade no Nordeste Brasileiro

⁴ Massacre escolar que ocorreu em 20 de abril de 1999, na Columbine High School, em Columbine, em uma área não incorporada de Jefferson County, no estado Americano de Colorado. Além dos disparos, o complexo e altamente planejado ataque envolveu o uso de bombas para dificultar os bombeiros, tanques de propano convertidos em bombas colocadas no refeitório, 99 dispositivos explosivos, e carros-bomba. Os autores, os estudantes seniores Eric Harris e Dylan Klebold, mataram 12 alunos e um professor. Além disso, feriram outras 21 pessoas, e três outras ficaram feridas enquanto tentavam escapar da escola. A dupla cometeu suicídio

comportamento na vida dos jovens e sim psicólogos e psiquiatras, chegando à conclusão que essas atitudes agressivas não fazem parte de um contexto social tido como normal e devem ser tratadas como problema de saúde.

No Brasil, o estudo da síndrome ainda é muito recente, mas uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à Infância e Adolescência - ABRAPIA aponta que 45,9% dos alunos admitiram envolvimento em atos de bullying, sendo 16,9% alvos e 12,6% autores, também chamados bullies.

O termo BULLYING compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro (s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. Por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de BULLYING possíveis, a seguir, relaciona algumas ações que podem estar presentes: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences (CANAL DO CONSELHO TUTELAR).

Muitas pesquisas têm sido incentivadas pelo fato de ocorrerem vários eventos trágicos. Um dos casos foi o do Cho Seung-Hui (Virginia Tech, 04/2007) autor: 23 anos (32 mortos e dezenas de feridos). Suicidou-se em seguida.

“... Você sabe o que é ser chutado no rosto?” Vocês sabem o que é ter lixo enfiado pela garganta, o que é ser queimado vivo?” “Vocês vandalizaram meu coração, rasgaram minha alma e queimaram minha consciência. Vocês achavam que era um garoto patético que vocês estavam extinguindo. Graças a vocês, eu morri. Como Jesus Cristo, para inspirar gerações de pessoas fracas e indefesas”. Assim disse para a câmera, diversas vezes de incoerente, sem esclarecer a quem estava se referindo, quando disse “vocês” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Virginia_Tech).

2.2. Legislação e instrumentos legais

Durante a presente pesquisa foi possível constatar que a fundamentação legal tem caráter pedagógico, pois a legislação contempla dispositivos que orientam ações preventivas contra a prática do bullying, com ênfase na LDB (9394/1996), os PCN (MC/SEF, 1998), as DCN (CNE/CEB nº 7/2010), ECA (Lei Federal nº 8.069/13/08/90) e o PPP da E.M.E.F “Joaquim Vicente Rondon” (1985, renomeado em 2008). A partir da década de 90, o aluno começou a ser visto também como senhor de direitos, com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA. Esse documento apresenta os direitos das crianças e dos adolescentes, obedecendo aos preceitos da Constituição Brasileira, promulgada em 1988 e da Declaração dos Direitos da Criança, significando uma mudança de paradigma, um novo

projeto político do país, amparado no ideário democrático: liberdade, igualdade e fraternidade. O ECA significou a formalização de um conjunto de medidas referente aos direitos e deveres desses seres, tais como as dispostas no Capítulo IV, “Do direito à educação, à cultura, ao esporte e lazer”, art. 53 e parte do art. 54:

Art 53. A criança tem direito a educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para a cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

- I. igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola;
- II. direito de ser respeitado por seus educadores;
- III. direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer as instâncias escolares superiores;
- IV. direito de organização e participação em atividades estudantis;
- V. acesso a escola pública e gratuita próxima a sua residência.

A legislação brasileira é rica em instrumentos legais que contribuem para a proteção da criança e do adolescente em qualquer nível, seja familiar, seja institucional, citemos:

- i) Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho - Programa de Combate ao Bullying nas escolas municipais;
- ii) Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente;
- iii) Conselho Tutelar;
- iv) Conselho Municipal de Educação;
- v) Ministério Público Estadual;
- vi) Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/RO.

3. METODOLOGIA

O presente estudo foi fruto de Pesquisa exploratória com ênfase na pesquisa de campo na modalidade pesquisa-ação com subsidiada por análise de estudo de caso. As fontes primárias de investigação ocorreram por meio de Entrevistas e Questionamento. No campo da análise se procederá a enunciar a interpretação e a conclusão parcial de cada gráfico, tabela, relatórios e questionários. Consiste na análise e interpretação das informações colhidas na pesquisa.

Nesse sentido, para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados dados quantitativos e qualitativos pela necessidade de comparação dos dados, no sentido do referido estudo detalhar as ocorrências do fenômeno (bullying) que acontecem dentro das instituições escolares.

A coleta de dados foi desenvolvida através da aplicação de questionários para os discentes, docentes, coordenador pedagógico e orientador escolar para identificar as causas que levam os alunos a praticarem o bullying.

A pesquisa foi realizada de forma explicativa para identificar quais são os fatores, razões e causas que ocasionam ou motivam os alunos a praticarem certos fenômenos violentos como o bullying dentro das escolas.

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Joaquim Vicente Rondon. E para fins de mensuração da população foi-nos arbitrário medir apenas o arcabouço estrutural do nosso campo de pesquisa, e assim chegamos aos números que se seguem: população do campo pesquisado foi composta por 165 pessoas assim distribuídas: 111 discentes matriculados no 5º ano; 50 docentes; 02 coordenadores pedagógicos; e 02 orientadores educacionais.

A partir do total populacional a amostra da pesquisa foi classificada e fracionada utilizando-se como base a porcentagem populacional e sua derivação total. Assim temos que:

- i) Com relação aos alunos, obtivemos 100% da participação na pesquisa. O que Representa 67,27% da população total pesquisada;
- ii) Com relação aos docentes, obtivemos a participação de 24,00%. E Para fins de mensuração pela população total, representam apenas 7,27%.
- iii) Com relação aos coordenadores pedagógicos obtivemos 100% de amostra. Porém, esse quantitativo representa apenas 1,21% da população geral;
- iv) Com relação aos Orientadores educacionais, também obtivemos 100% de amostra. No entanto, esse quantitativo representa apenas 1,21% da população geral;

Nesse sentido, cabe aqui enfatizarmos que de total a gama populacional, nosso trabalho abrangeu 76,96% da população total. Números esses que foram substanciais à matéria prima examinada nos nossos resultados.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Considerando que essa pesquisa teve, também, em relação a sua abordagem, um viés explicativo, preocupou-se, aqui com os resultados obtidos identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência do bullying por meio, além da observação do cotidiano dos entrevistados, da aplicação de questionários. Segundo Gil (2007, p. 43), uma

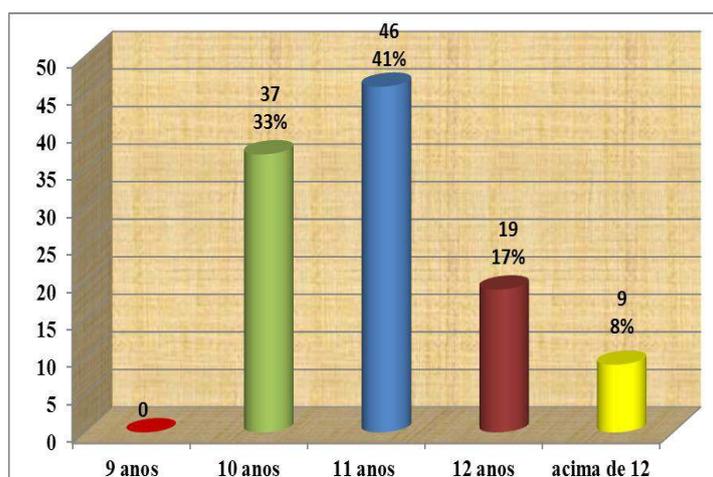
pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.

Nesse ínterim, apresentaremos, portanto, a seguir os resultados obtidos. A partir deles, foi possível entender os vários “porquês” das práticas de violências ocorridas no ambiente escolar.

4.1. Questionários aos discentes

A mostra do questionário é constituída por 111 discentes, matriculados no Ensino Fundamenta II, quatro turmas do 5º anos A, B, C e D do turno vespertino, sendo 111 do sexo masculino e feminino. Os entrevistados possuem entre 10 a 12 anos e apenas 9 discente estão acima de 12 anos, sendo a média de idade de 10 anos.

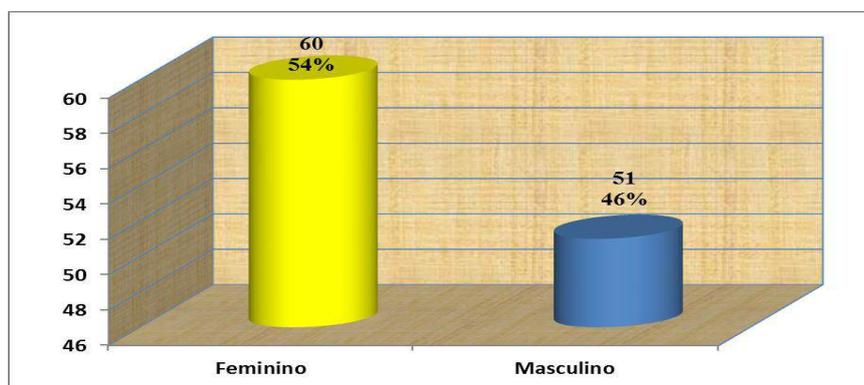
Gráfico 1 - Idade dos alunos dos 5º anos da escola Joaquim Vicente Rondon.



Fonte: Autora (2017)

Dos 111 discentes que responderam o questionário, 37 tem 10 anos, (33%), 46 tem 11 anos (41%), 19 tem 12 anos (17%) e 9 discentes declararam ter acima de 12 anos, totalizando 8% das turmas.

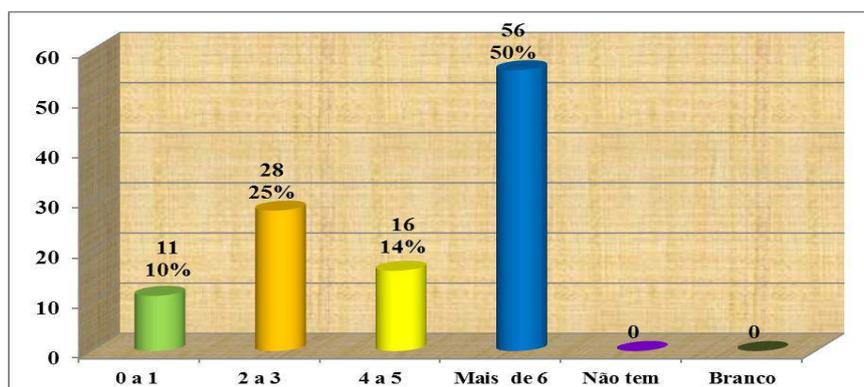
Gráfico 2 - Sexo/Diferença de gênero dos discentes



Fonte: Autora (2017)

Dos 111 discentes, 60 são do sexo feminino e 51 do sexo masculino, onde equivale a 54% das meninas e 46% dos meninos.

Gráfico 3 - Quantos bons amigos você tem na escola?

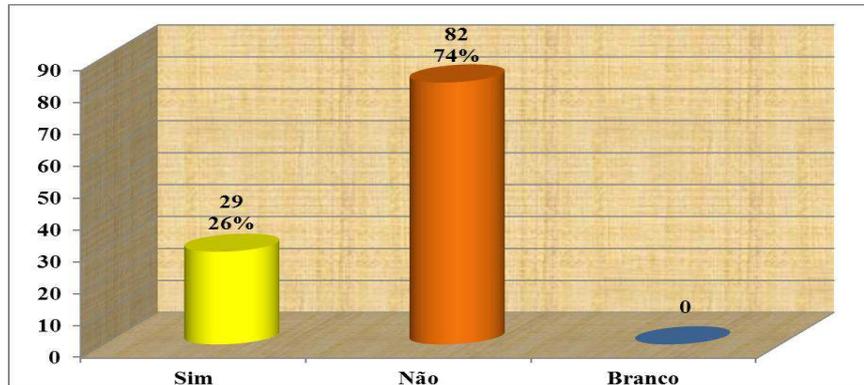


Fonte: Autora (2017)

Foi partindo do pressuposto de que quanto mais o aluno bem se relaciona com os seus colegas, e que a escola seja a instituição que ofereça essa harmoniosa relação interpessoal no ambiente escolar, nos dispomos saber se ter muitos amigos poderá ser um fator relevante ou não para a existência da prática de bullying.

E foi possível observar que 56 (50%) discentes tem mais de 6 bons amigos, 28 (25%) possuem entre 2 a 3 bons amigos, 16 (14%) possuem entre 4 a 5 bons amigos e 11 (10%) possui apenas 1 bom amigo.

Gráfico 4.- Você já sofreu algum tipo de violência na escola?

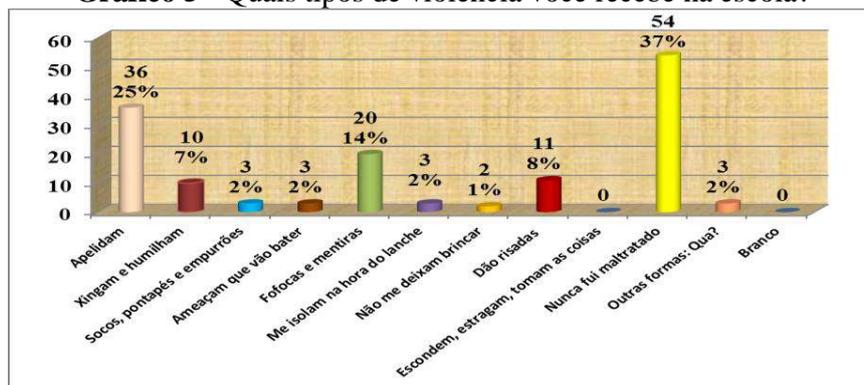


Fonte: Autora (2017)

Então, pudemos vislumbrar que no universo de 111 discentes, 82 (74%) não sofreram violência na escola sendo um valor considerado para uma escola com 4 turmas de 5º ano, 29 (26%) sofreram algum tipo de violência na escola, quatorze (14) são do sexo feminino e dezessete (17) são do sexo masculino. Foi possível verificar que não há diferença significativa de gênero na violência praticada entre meninos e meninas.

Estes casos de violência relatados envolvem vários tipos de *bullying* nas vítimas que serão relatadas no gráfico abaixo.

Gráfico 5 - Quais tipos de violência você recebe na escola?



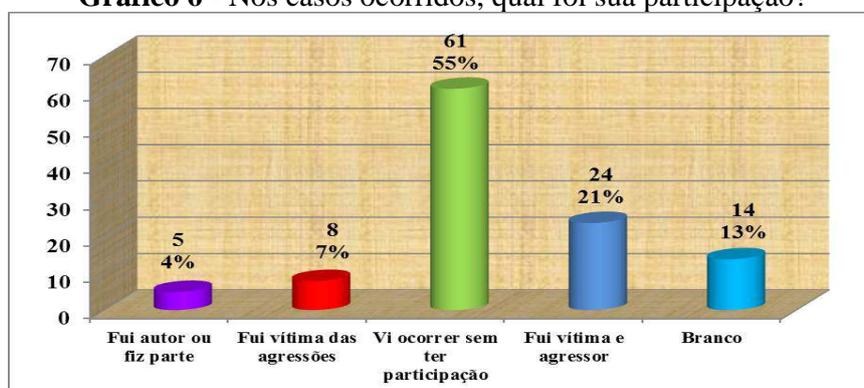
Fonte: Autora (2017)

A porcentagem dos discentes que afirmaram que nunca foram maltratados é de 54 (37%) discentes, 36 (25%) discentes sofrem com apelidos, 20 (14%) discentes, são maltratados com fofocas e mentiras, 11 (8%) discentes dão risadas, 10 (7%) xingam e humilham, 3 (2%) sofrem com socos pontapés, empurrões, ameaçam que vão bater, isolam na hora do lanche e outras formas e 2 (1%) não me deixam brincar.

Tanto o público feminino quanto o masculino, ou seja, 24 e 26 respectivamente informaram que nunca foram maltratados na escola. Já os que sofreram algum tipo de violência, 36 meninas e 24 meninos, responderam que sim, como: o ato de apelidar, de agredir fisicamente, ameaçar, roubar, ofender verbalmente ou expressões e gestos que geram mal-estar.

O *bullying* afeta os indivíduos a que estão direta e atualmente sob ataque e podem continuar afetando no futuro, a menos que os maus-tratos sejam corrigidos de uma forma que seja percebido como justa e correta.

Gráfico 6 - Nos casos ocorridos, qual foi sua participação?

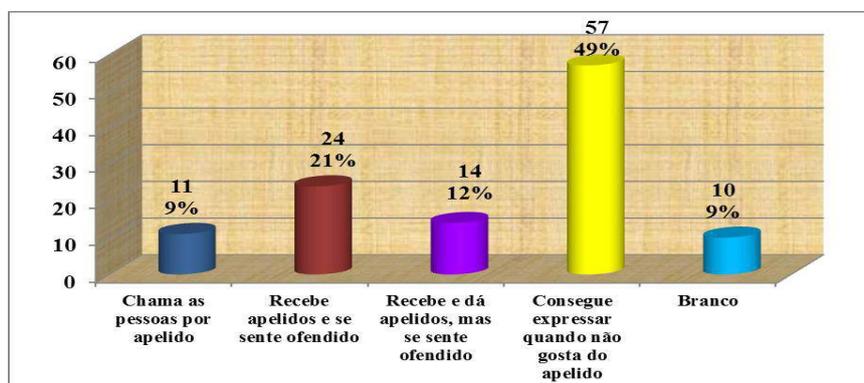


Fonte: Autora (2017)

Embora haja números que indiquem a ocorrência de violência escolar, durante a pesquisa, não foi possível identificar como caso concreto, que quem sofre pode também ser um sujeito ativo de bullying, visto que segundo os próprios alunos muitas das ocorrências são recebidas como se fossem brincadeiras entre amigos. E isso dificultou analisar se tais práticas podem ser classificadas como troca de agressões e/ou afins.

Nos casos ocorridos, 61 (55%) discentes responderam que apenas viram ocorrer sem ter participação; 24 (21%) responderam que foram vítimas e ao mesmo tempo agressores no decorrer do ano letivo; entre os que foram vitimados 8 (7%) foram vítima das agressões e apenas 5 (4%) informaram que foram autores (agressores) ou fizeram parte (testemunharam) das agressões e 14 (13%) deixaram em branco.

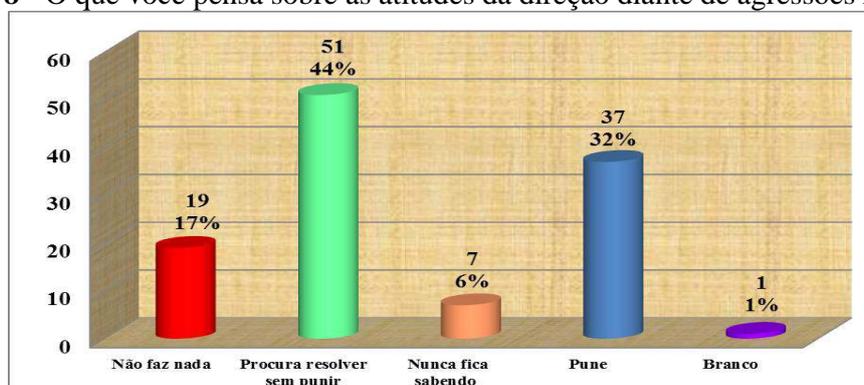
Gráfico 7 - Sobre praticar ou sofrer bullying, em geral, você:



Fonte: Autora (2017)

Com essa questão se procurou saber de como os estudantes da escola se comportam diante de algumas atitudes de violência como: 11(9%) chamam as pessoas por apelidos; 24(21%) recebem apelidos e se sentem ofendidos; 14(12%) recebem e dão apelidos, mas se sentem ofendidos; 57(49%) conseguem expressar quando não gosta do apelido; 10 (9%) deixaram em branco.

Gráfico 8 - O que você pensa sobre as atitudes da direção diante de agressões na escola?



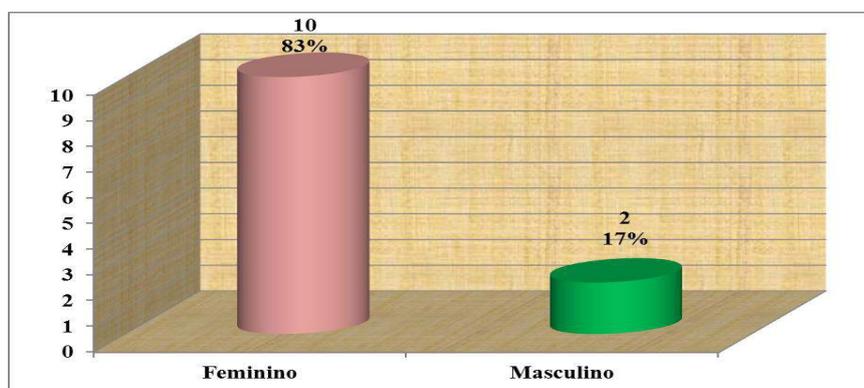
Fonte: Autora (2017)

A ideia formulada por esta questão foi a de medir a percepção dos discentes sobre a forma de como a instituição reage diante da violência escolar. Segundo os respondentes, 51 (44%) a direção da escola procura resolver sem punir; 37 (32%) a direção pune; 19 (17%) a direção não faz nada; 7 (6%) a direção nunca fica sabendo; e 1 (1%) deixou em branco.

4.2. Questionários aos docentes

Considerando que o professor é o profissional, dentro da escola, que mais tem contato com os alunos, visto a relação que ambos criam ao longo de meses e anos dentro do processo de ensino-aprendizagem, passemos, agora, à análise dos questionários aplicados a outros integrantes da estrutura escolar, tendo em vista entendermos ser de suma importância saber, também, se além dos docentes, os coordenadores pedagógicos e orientadores educacionais, estão cientes de que há ocorrências de práticas de bullying entre os alunos; E como eles enfrentam e lidam com esse fenômeno no ambiente escolar.

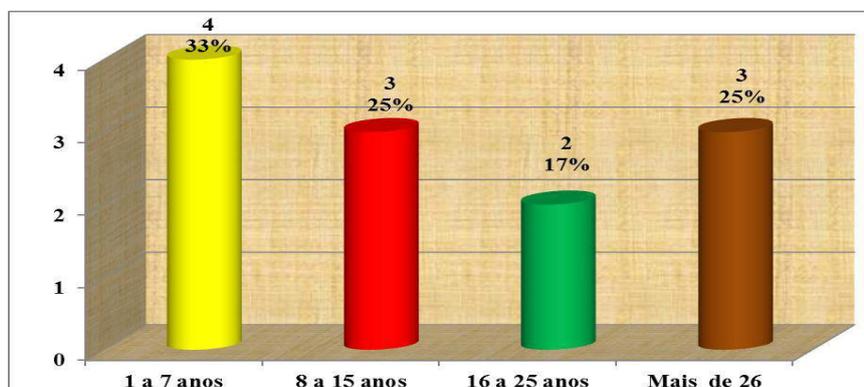
Gráfico 9 – Sexo: Docente; Coordenador Pedagógico; Orientador Educacional.



Fonte: Autora (2017)

Os 12 profissionais que responderam o questionário, 10 (83%) são do sexo feminino e 2 (17%) são do sexo masculino. Dentre estes, 8 são professores, (sendo 3 destes professores são cuidadores de alunos com necessidade especiais), 2 são coordenadores pedagógicos e 2 são orientadores educacionais.

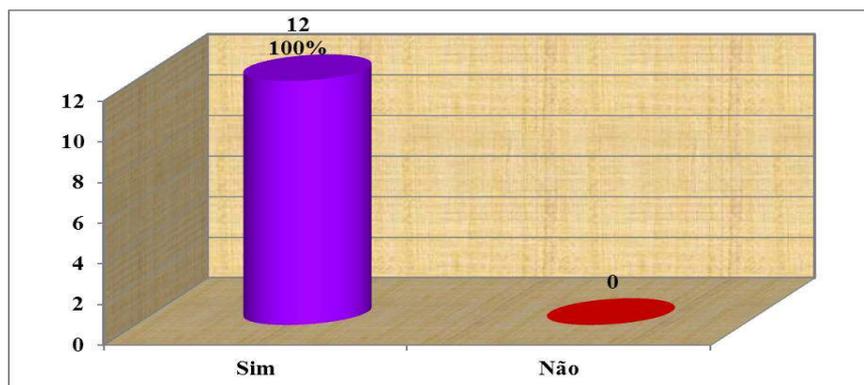
Gráfico 10 - Qual o seu tempo de serviço?



Fonte: Autora (2017)

A amostra é formada por docentes que trabalham em período de tempo que variam entre: 4 (33%) docentes tem entre 1 a 7 anos tempo de serviço; 3 (25%) entre 8 a 15 anos; 2 (17%) entre 16 a 25 anos e 3 (25%) trabalham a mais de 26 anos

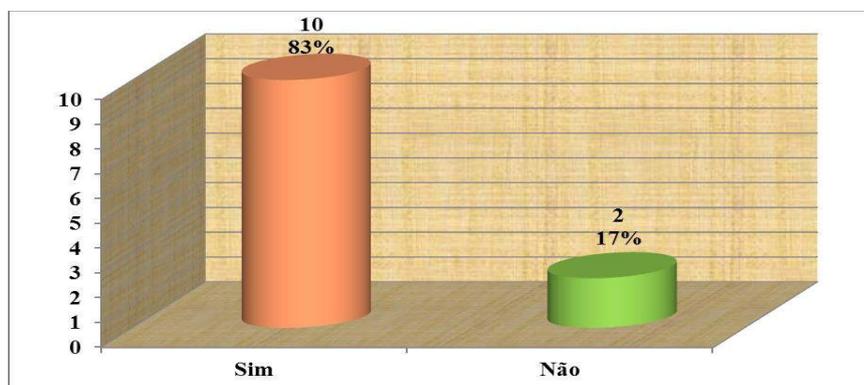
Gráfico 11 - Você, enquanto educador, já ouviu falar de *bullying*?



Fonte: Autora (2017)

Os 12 (100%) respondentes informaram que sim, já ouviram falar desse tema: *bullying*.

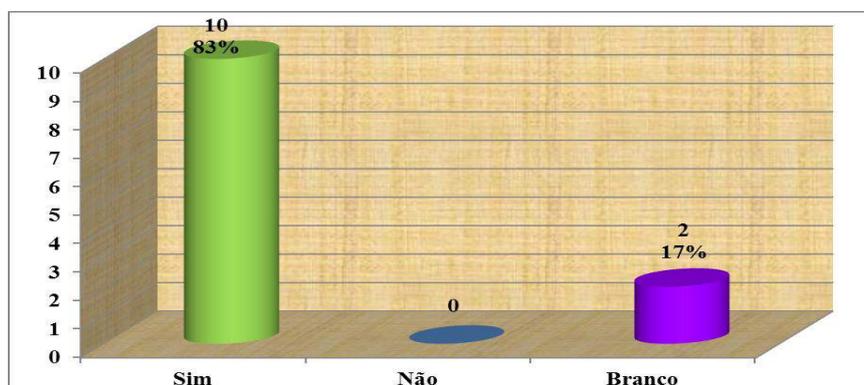
Gráfico 12 – Na escola que você trabalha, já aconteceu (ou acontece) casos de *bullying*?



Fonte: Autora (2017)

No gráfico 5, 10 (83%) dos respondentes informaram que sim, na escola onde trabalha já aconteceu ou acontece casos de *bullying* e apenas 2 (17%) responderam que não.

Gráfico 13 - Foi tomada alguma providência?

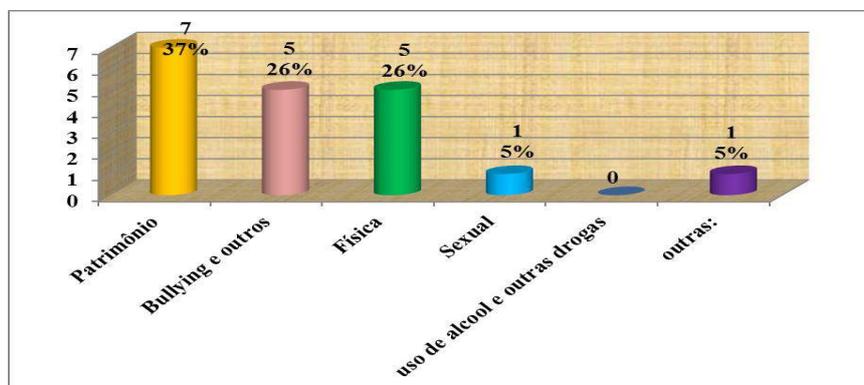


Fonte: Autora (2017)

Dos respondentes que disseram que acontece casos de casos de *bullying na escola*, 10 (83%) informaram que foi tomada providência e 2 (17%) deixaram em branco.

Acredita-se que os 2 que deixaram em branco foram os mesmos que disseram que não acontece *bullying* na escola.

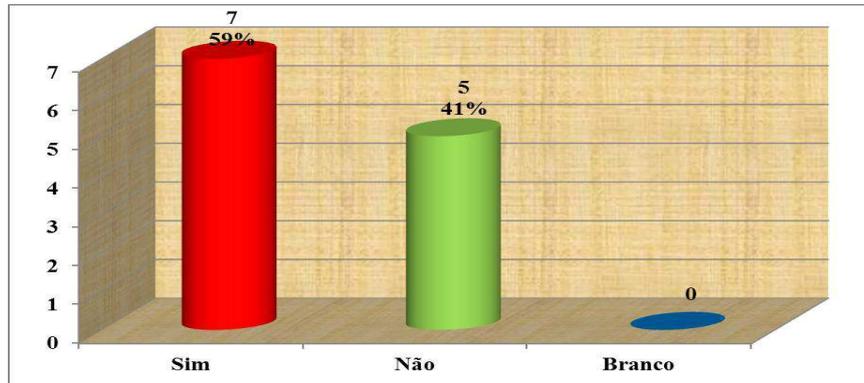
Gráfico 14 - Quais manifestações de violência vivenciadas no ambiente escolar?



Fonte: Autora (2017)

As manifestações mais comuns de violência que ocorrem dentro da escola é contra o patrimônio escolar de acordo com os 7 (36%) respondente, 5 (26%) *bullying* e outros; 5 (26%) violência física; 1 (5%) violência sexual e 1 (5%) informou que são outras do tipo: violência doméstica e verbal.

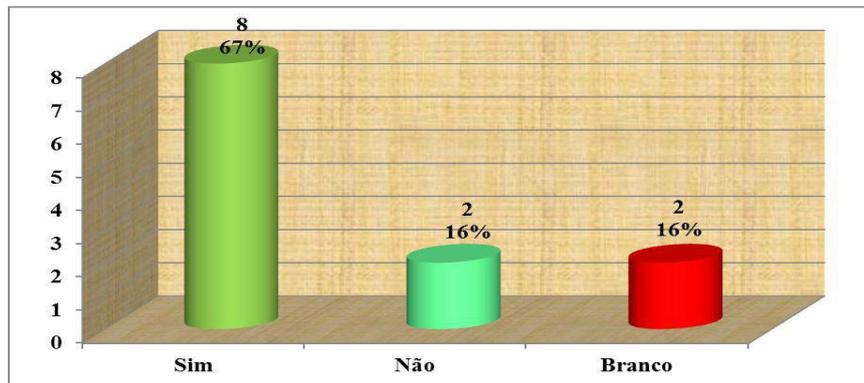
Gráfico 15 - Na sala de aula já presenciou (ou presencia) casos de *bullying*?



Fonte: Autora (2017)

Dos 7 (59%) respondentes que disseram que sim, 6 são do sexo feminino e 1 sexo masculino e dos 5 (41%) que responderam que não, 4 são do sexo feminino e 1 masculino.

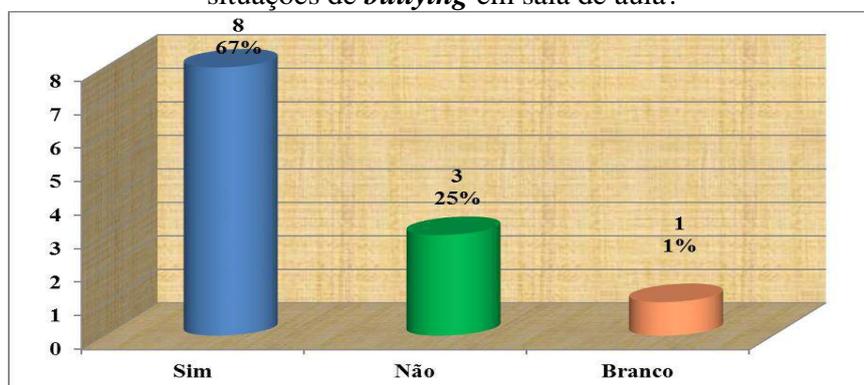
Gráfico 16 - Você realiza alguma intervenção diante de casos de *bullying* na sala de aula?



Fonte: Autora (2017)

Ao perguntar aos professores se realizam algum tipo de intervenção, diante de casos de *bullying*, 8 (67%) responderam que sim; 2 (16%) disseram que não realizam qualquer tipo de intervenção e 2 (16%) deixaram em branco.

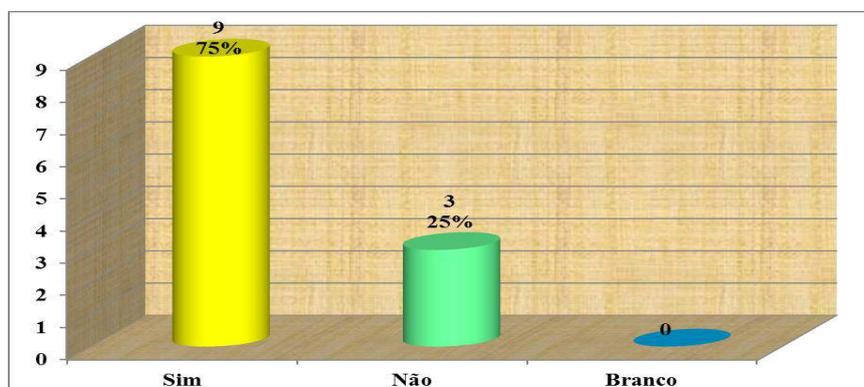
Gráfico 17 – Você, como professor/a se sente preparado/a para prevenir ou combater possíveis situações de *bullying* em sala de aula?



Fonte: Autora (2017)

A maioria dos respondentes 8 (67%) da amostra, disseram que estão sim preparados para prevenir ou combater possíveis situações de *bullying* em sala de aula; 3 (25%) não se sentem preparados e 1 (1%) deixou em branco.

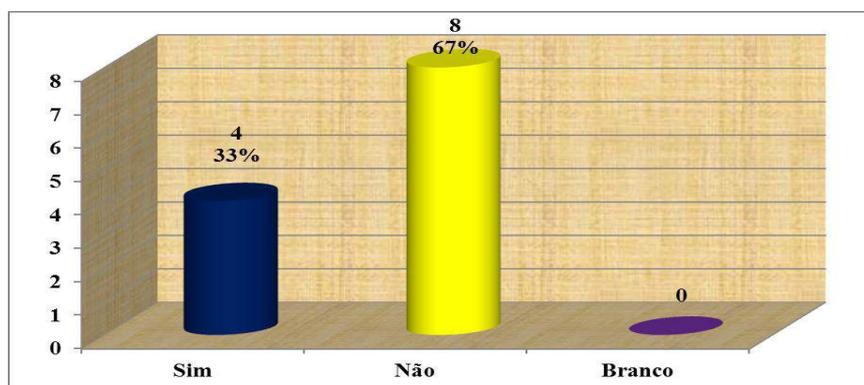
Gráfico 18 - A escola está preparada para intervir nos casos considerados *bullying*?



Fonte: Autora (2017)

(75%) dos respondentes da amostra, disseram que sim, a escola está preparada para intervir nos casos considerados *bullying* e 3 (25%) acham que a escola não está preparada para intervir nesses casos. Um percentual muito significativo de professores considera que a escola atribui importância relevante quando se refere às intervenções relacionadas ao comportamento indisciplinar dos discentes, e isso se conduz como regra democraticamente com a comunidade escolar.

Gráfico 19 – Você já foi agredido por algum aluno?



Fonte: Autora (2017)

A maioria dos professores da amostra 8 (67%) responderam que não sofreu violência por parte dos discentes e 4 (33%), sim, já foi agredido por parte dos discentes. Dentre esses profissionais que já tiveram algum tipo de problema, todos os quatros (4) são do sexo feminino, sendo duas (2) professoras, uma (1) coordenadora pedagógica e uma (1) orientadora educacional. Não foi informado qual tipo de violência sofrida.

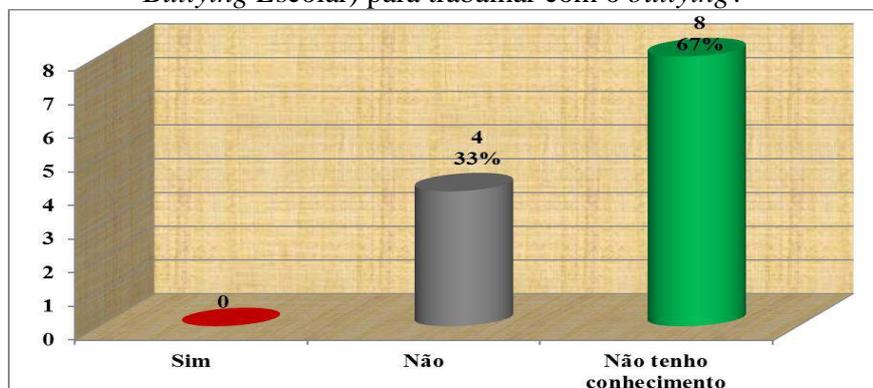
Gráfico 20 – Você, enquanto educador/a, na carreira educacional, já teve aulas ou explicações sobre *bullying*?



Fonte: Autora (2017)

(92%) profissionais informaram que em sua carreira educacional, já tiveram sim, alguma explicação sobre o *bullying* e apenas 1 (8%) não teve nenhum tipo de explicação.

Gráfico 21 - A escola em que você atua, já constituiu o GEBE (Grupo de Enfrentamento ao *Bullying* Escolar) para trabalhar com o *bullying*?



Fonte: Autora (2017)

A maioria dos profissionais, 8 (67%), informou que não tem conhecimento do GEBE e 4 (33%) que a escola não constitui o GEBE.

4.3. Sugestões para combater bullying

Como em qualquer escola existem todos os tipos de violências, e essa violência é considerada como um problema de saúde pública no mundo, faz-se necessário ações voltadas para a prevenção de comportamentos agressivos e violentos. Nenhuma escola tem respostas prontas para resolver os problemas, no entanto, existem alguns princípios que devem ser considerados e podem auxiliar a todos que pretendem intervir nesse problema criando programas e projetos antibullying.

As instituições escolares têm liberdade de implementação de ações que contribuam na conscientização do fenômeno bullying. Nesse sentido, várias são as alternativas que se apresentam como instrumentos de ação, das quais se destacam: ações de prevenção individuais não podem ser consideradas suficientes; As intervenções individuais bem-sucedidas dependem de estratégias mais amplas nas sala de aulas e na escola como um todo; Esse fenômeno deve ser amplamente discutido na escola e a regras contra atos de bullying definidas com clareza, para que todos as conheçam e que sejam adotadas universalmente; A meta final é a de promover amizade, prevenir o isolamento, encorajar as ações solidárias e valorizar a diversidade; Projeto ou programa antibullying; Ampla divulgação do conceito Bullying; Campanhas; Palestras; Grupos de estudos; Dinâmicas de grupos; Cartilhas; Vídeos; Filmes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível inferir, através da vasta literatura que foi usada como subsídio deste estudo e dos resultados mostrados, que a violência escolar não é um problema fácil de ser resolvido, é uma situação histórica e de grande complexidade. Outro fator preocupante é a violência estar de tal modo entranhada no dia a dia do cotidiano, ao ponto de ser vista pela sociedade como algo natural, aceitável ou que não pode ser mudado, gerando conformismo diante da sua presença.

O presente estudo procurou trazer as diferentes faces da violência escolar, ressaltando o bullying, sendo necessária a identificação desse fenômeno para que haja superação através da prevenção no interior das escolas, onde todos não medem esforços sobre que caminhos seguir para uma socialização de uma escola melhor com alunos, professores e comunidade.

A observação constante e a parceria entre família e escola são fundamentais para a possível eliminação de comportamentos agressivos. A primeira alternativa de enfrentamento ao bullying escolar, segundo Pereira (2009) é que a comunidade escolar tome consciência da existência desse fenômeno e comece a buscar métodos para eliminá-lo.

Brigas, discussões e desavenças são comuns, mas que o constrangimento, de caráter agressivo e rotineiro levando ao isolamento, deve ser banido e a informação e a formação dos discentes e docentes também são estratégias para se enfrentar e combater a violência e o bullying no ambiente escolar.

Na afirmativa de Fante, “as ferramentas mais eficazes para ensinar regras de convivência saudável aos filhos são o afeto incondicional, o diálogo e as atividades educativas, como jogos esportivos, aulas de arte e ações solidárias” (2008, p. 02), ou seja, a família deve investir nas crianças e jovens valores de respeito ao próximo e não violência.

Além de que as escolas devem dispor de profissionais que possuam habilidades específicas e técnicas que podem ser facilitadoras para a implantação de estratégias de prevenção e combate à ocorrência de violências no espaço escolar, dentre elas, a valorização dos integrantes da comunidade escolar, a possibilidade da abertura de um canal de expressão para alunos, professores, técnicos, familiares e outros, na qual favoreça o diálogo e a difusão de uma cultura de e para a paz.

É importante que os pais (famílias) tenham mais participação no ambiente escolar de seus filhos, tendo maior proximidade para que possam ser capazes de identificar esse processo

de bullying, e ter uma convivência mais saudável, estabelecendo um diálogo permanente sobre suas vidas, dúvidas, angústias e expectativas, permitindo uma troca de ideias com os filhos de forma franca e transparente podendo expressar seus sentimentos e pensamento a respeito sobre eles. Os pais também enfrentam dúvidas e receios na educação de seus filhos, a diferença é que os pais já conquistaram a sabedoria de que tudo na vida pode ser superado.

Desse modo, é preciso avançar nesse propósito, pois não adianta a escola propor terapia aos alunos vitimados se não dispõe, também, de um programa de prevenção a esse tipo de violência.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO A CRIANÇA E AO ADOLESCENTE-ABRAPIA. **Dados Estatísticos**. Disponível em: <<http://www.prsp.mpf.gov.br/transparencia/estatistica/2010/2010.09%20-%20Relatorio%20de%20Atividades%20Funcionais%20-CNMP.pdf>> Acesso em: 29.Abr.2015.

ARAÚJO, Leusa. **A cabeleira de Berenice**. São Paulo: Edições SM, 2005.

BARBALHO, Tércia. Quebrando o silêncio. *In: Revista Quebrando o Silêncio*. Sinais dos Tempos. Ed. Especial. Tatuí (SP): Casa Publicadora Brasileira, 2011. Pág. 21-23).

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie e TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito**: Como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2848**, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1940.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.

_____. **Lei nº 8.069**, 13 de agosto de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Congresso Nacional, 1990.

_____. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. Congresso Nacional, 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais MEC/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 7**, de 7 de abril de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação/ Conselho Nacional de Educação, 2010.

BRITO, Leonardo Silva. **Responsabilidade Penal do “Bullying” no Brasil**, São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

CARPAENTER, Deborah e FERGUSON, Christopher J. **Cuidado!** Proteja seus filhos dos *bullies*. São Paulo: Butterfly, 2001.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying**: como combatê-lo? Prevenir, enfrentar a violência entre os jovens. São Paulo: Itália Nova, 2014.

DEBARBIEUX, É. E BLAYA, C. Políticas Públicas. UNESCO, Brasília, 2002

FANTE, Cléo e PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, Cleo **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 7ª ed. Campinas (SP): Verus Editora, 2012.

GUILLAIN, Charlotte. **Vencendo o Bullying**: tradução Silva Ribeiro. 1. Ed.- São Paulo:Hedra Educação, 2012. –(Problema da vida real)

HABER, Joel. **Seu filho x Bullying**: ajude seu filho a combater provocações, insultos e agressões para sempre.. Barueri (SP): Novo Século Editora, 2012.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying** — comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal da Pediatria*. Rio de Janeiro: vol.81 no.5 suppl.0 Porto Alegre Nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572005000700006&script=sci_arttext> Acesso em 05.Jan.2015.

MALDONADO, Maria Tereza. **A face oculta**: uma história de *bullying e cyberbullying*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MASSACRE DE VIRGINIA TECH. **Cho Seung-Hui**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Virginia_Tech> Acesso em: 03.abr.2015.

MONTEIRO, Jamar Coletânea. São Paulo: Ed. Intersubjetiva, 2010.

NOGUEIRA, Rosana Maria César de Del Picchia de Araújo. **Violência nas escolas e juventude**: um estudo sobre o bullying escolar. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: PUC, 2007. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5084> Acesso em: 01.Dez.2014.

Revista Psicologia & Saberes

ISSN 2316-1124

v. 9, n. 19, 2020

PAIAS, Tânia e ALMEIDA, Ana. **Esteja atento ao bullying escolar**. Junho de 2008. Disponível em: <www.portalbullying.com.pt/artigos.../EstejaAtentoAoBullyingEscolar> Acesso em: 03.Mai.2015.

PEDRO-SILVA, Nelson. **Indisciplina e bullying**: soluções ao alcance de pais e professores. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

PEREIRA, Leidiane Moraes. **BULLYING**: Da brincadeira de criança à tragédia social. Disponível em: <<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Bullying.pdf>> Acesso em: 13.dez.2014.

PORTO VELHO. **bullying**. Prefeitura Municipal/Secretaria Municipal de Educação. Porto Velho (RO): SEMED, 2014.